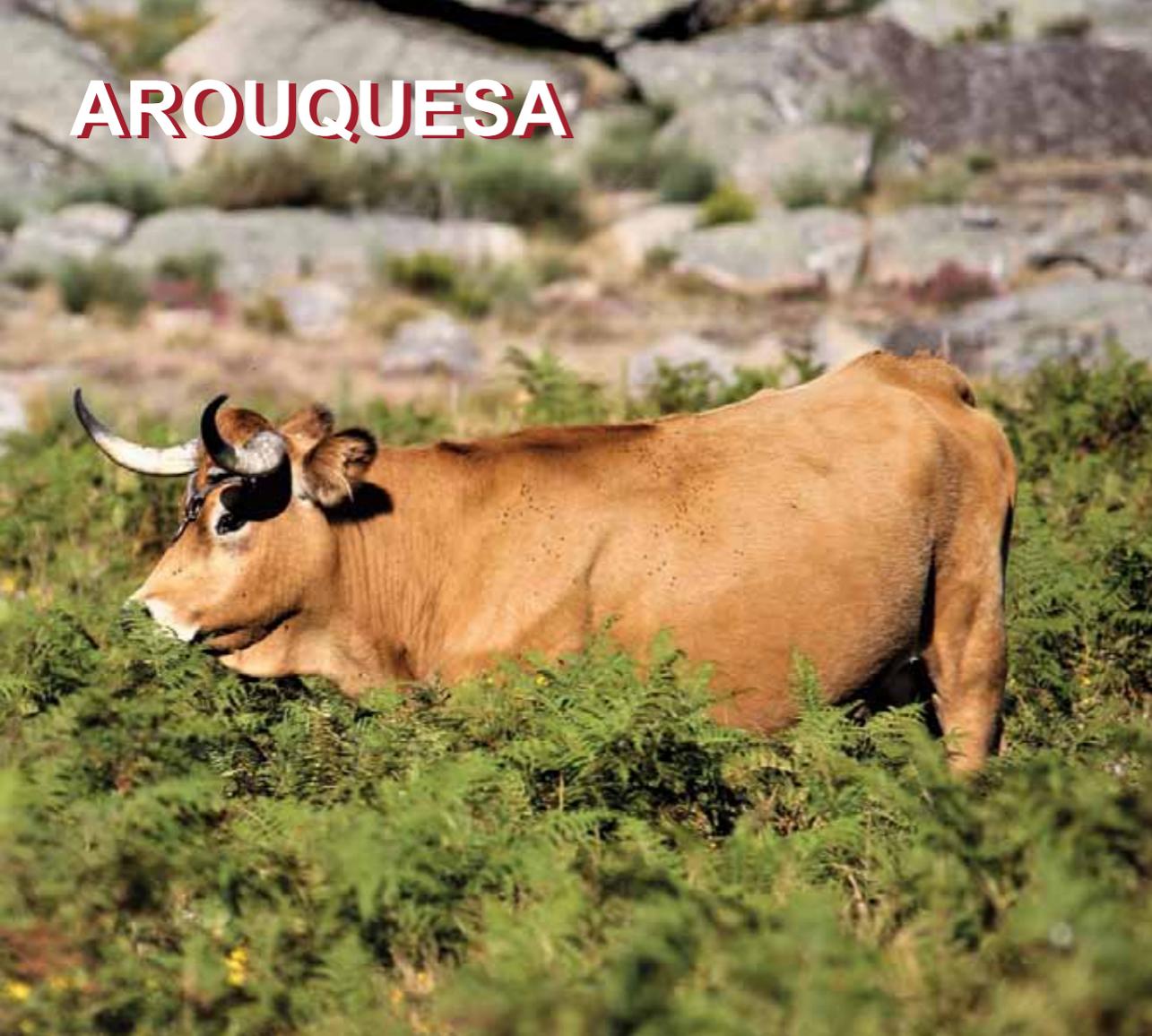


AROUQUESA

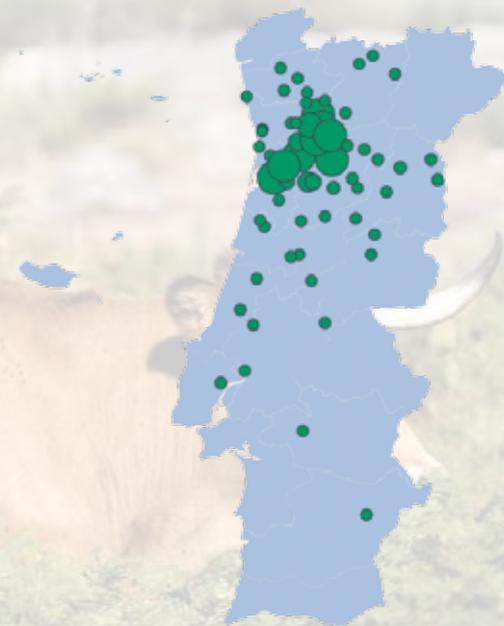


Raça Autóctone

Área de dispersão dos criadores



No ano de 2018, constam no Livro Genealógico de Adultos: 4424 fêmeas e 125 machos, em 1180 criadores.



História e Evolução

A raça bovina Arouquesa define-se como uma raça local de montanha, uma vez que permanece praticamente circunscrita às encostas montanhosas entre os vales do Vouga ao Douro, região onde teve origem e onde continua a ser explorada pelos seus criadores.

Dotada de uma elevada rusticidade, vive perfeitamente adaptada a um clima austero e aos poucos recursos dos solos pobres que caracterizam a montanha desta região. São animais com, boa capacidade dinâmofora, produzindo carne de invejável valor gastronómico. São fundamentais nos trabalhos agrícolas, pois reúnem à sua robustez física, a paciência e uma forte capacidade de tração. As suas excecionais qualidades maternas complementam-se pela capacidade de produzir leite de excelente qualidade. O nome oficial da raça poderá estar ligado ao bovino Auroque, hoje extinto, embora alguns autores o relacionem à toponímia de Arouca. A raça no passado estava subdividida em vários ecotipos ligados à região onde eram explorados: Sulanos (S. Pedro do Sul), Paivotos (margens do Rio Paiva), Caramuleiros (Serra do Caramulo), Canaveses, (Marco de Canaveses e Baião), sendo ainda hoje utilizado por alguns criadores também a denominação de Serrano.

No fim do século XIX o solar da Raça Arouquesa, segundo a descrição de Silvestre Bernardo Lima (1919), “estende-se em toda a região da Beira que, partindo das alturas de Lamego e endireitando ao Caramulo, se compreende principalmente entre o Douro e o Vouga, fora da beira-mar”. A sua influência atingia, a norte, do rio Ave às abas do Marão. A sul, chegavam à Guarda e desciam pelo vale do Mondego até Coimbra, na parte ocidental deste distrito, entre o Mondego e o Zêzere. Daqui, dispersavam-se até à confluência com o Tejo, onde apareciam nalguns concelhos de Castelo Branco, Leiria e Santarém (Machado et al., 1981).

A região geográfica onde existe o maior número de bovinos da raça arouquesa são os concelhos de Cinfães, Castro Daire, S. Pedro do Sul, Arouca, Vale de Cambra, Resende e Castelo de Paiva a sul do rio Douro e Baião, Amarante e Marco de Canaveses a norte do mesmo rio.

No manejo do gado Arouquês, podem referir-se raros sistemas comunitários de pastoreio, pastoreio em baldios e ainda sistemas de estabulação permanente, estabulação invernal e semi-extensivo (apenas pernoitam no estábulo). Na sua adaptabilidade e rusticidade, o animal desta raça, conforma-se com os poucos recursos forraginosos da região, aproveitando as ervas espontâneas que medram no monte frequentemente agreste onde aproveita alimentos grosseiros como seja os rebentos do tojo, carqueja, giesta, carvalho, etc.

Padrão da Raça

Aspetto Geral - Raça braquicéfala, sub-côncava a côncava, eumétrica, mediolínea e de tipo constitucional fino, de andamentos leves e expressão dócil mas viva; animais de pequeno porte a mediano, possuindo esqueleto regular coberto com boa musculatura, de formas harmoniosas, roliças não deixando de ser varudas;

Pele e Pelagem - Grossa, elástica, bem destacada e repregada no pescoço e tórax revestida de pelos curtos e grossos, acamados e luzidios, exceto no inverno em que por vezes se apresentam compridos e ásperos. A pigmentação é geralmente escura na pele que envolve as aberturas naturais (mucosas); De cor castanha com vários tons, desde o “claro-palha” até ao castanho propriamente dito (acerejada e avermelhada). À volta das orelhas e dos olhos os pelos são mais escuros. A cor da pelagem esbate-se na face interna dos membros, no úbere e em torno do focinho e dos olhos em alguns exemplares;

Cabeça - Grossa, curta, com protuberância frontal pouco pronunciada. A fronte é larga, ligeiramente deprimida no centro, com perfil sub-côncavo e a marrafa é curta ou ausente. Os cornos de tamanho médio, grossos na base e de secção elíptica, claros nas duas primeiras terças partes e de pitons escuros; têm inserção no prolongamento do eixo da marrafa (saída ortocera) e são em forma de lira baixa. A fenda palpebral é ligeiramente oblíqua e os olhos são grandes, bem aflorados e circundados por pestanas e pálpebras escuras. As orelhas têm inserção alta, horizontais e de tamanho regular, providas de pelos mais compridos internamente que podem ser mais escuros nos bordos. As faces são triangulares, curtas e ligeiramente deprimidas na ligação com os ossos nasais. O chanfro é geralmente rectilíneo ou sub-côncavo, curto, algo deprimido nas suturas maxilo-nasais. O focinho é escuro de lábios grossos e marginado por orla de pelos mais claros até às comissuras labiais. As ganachas são convexas e bem afastadas formando uma fauce espaçosa;

Pescoço - Curto, grosso e bem ligado com a cabeça e as espáduas, com o bordo superior direito e horizontal e o inferior moderadamente embarbelado. A barbela, nascida logo atrás do lábio inferior é pouco desenvolvida até à parte média, aumentando progressivamente até ao peito, onde forma algumas pregas;

Tronco - Médio e harmónico, de cernelha pouco saliente, larga e de reduzida proeminência, costados bem arqueados, com dorso largo que se prolonga por um lombo robusto formando uma linha dorso-lombar direita ou levemente enclada. Peito largo e carnudo, espáduas bem musculadas e ventre um pouco volumoso. A prega do prepúcio é bem desenvolvida;

Garupa - Comprida, de ancas salientes e bem musculadas, as nádegas são de mediano comprimento e não muito convexas. A cauda é comprida, de inserção média e regularmente encabelada;

Membros - Curtos, grossos e bem aprumados, providos de largas articulações e terminados por cascos negros, rijos e debruados em cima por pequena orla de pelos.